



Das Necrópoles Egípcias para a Quinta da Boa Vista: Um Estudo das Partes de Múmias do Museu Nacional

Moacir Elias Santos¹

RESUMO:

Em 1998 iniciamos um levantamento da coleção de múmias humanas e de animais pertencentes ao Museu Nacional, que acabou se transformando em um projeto de pesquisa. Dentre os exemplares da coleção egípcia, nos chamou a atenção um conjunto de partes de corpos humanos mumificados, que inclui cinco cabeças, três pés, cinco dedos de mão e sete vértebras, que se encontravam guardadas na reserva técnica do museu destinada à Arqueologia, excetuando uma cabeça que estava na exposição. Com a análise destes fragmentos de corpos nós iniciamos a divulgação científica, mas sem publicá-los na totalidade. Assim, este artigo tem como objetivos apresentar o contexto da época em que os exemplares foram encontrados e as informações provenientes da documentação histórica sobre a sua origem e a análise das partes de múmias, feita por meio da visualização direta, por meio da qual nós discutimos as técnicas de embalsamamento a que os fragmentos de múmias foram submetidas.

Palavras Chave: Egíptologia - Coleção Egípcia - Fragmentos de Múmias - Museu Nacional

ABSTRACT:

In 1998 we initiated a survey of the collection of human and animal mummies belonging to the National Museum, which was transformed into a research project. Among the samples of the Egyptian collection, caught our attention a number of mummified human body parts, which includes five heads, three feet, five fingers of one hand and a set of seven vertebrae, which were kept in the museum storage intended for Archaeology, except a head that was on display. With the analysis of these fragments of bodies we started disseminating scientific information, but without publishing them in full. Thus, this paper aims to present the context of the time in which the specimens were found and the information from the historical documentation of their origin and analysis of parts of mummies, made by direct visualization through which we discussed the embalming techniques that fragments of mummies were submitted.

Key Words: Egyptology - Egyptian Collection - Mummies fragments - National Museum

¹ Arqueólogo; Doutor em História Antiga pela UFF; Membro do Grupo de Estudos Egíptológicos Maat e do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade da UFF; UNIANDRADE.



Introdução

Em 1998, como bolsista do CNPq, realizamos em conjunto com a Bióloga Martha Locks um levantamento de todas as múmias humanas e de animais que se encontravam no acervo do Departamento de Antropologia (Setor de Arqueologia) do Museu Nacional- UFRJ, acervo este que se encontrava sob a coordenação da Prof. Titular Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão. Esta pesquisa tinha como meta, em um primeiro momento, a reunião de documentos escritos ou iconográficos que trouxessem alguma contribuição para a história das múmias, a verificação de seu estado de conservação, de seus eventuais acompanhamentos e a análise do processo de mumificação a que foram submetidas. Ainda, no caso das múmias humanas, seria possível avaliar, por meio das características biológicas, o sexo e a idade dos indivíduos.

No decorrer da pesquisa constatamos que a maior parte dos restos mumificados provenientes de outros países, que pertencem a diversas sociedades pretéritas, apresentavam pouca ou nenhuma análise. A única exceção corresponde a uma parcela do acervo de múmias humanas egípcias que foi analisado por meio de radiografias. Este estudo, pioneiro em nosso país, foi levado a cabo pelo médico Roberval Bezerra de Menezes no princípio década de 1960 e publicado como o título “As Múmias do Museu Nacional”. Utilizando um aparelho de raios-X portátil, ele obteve imagens que permitiram avaliar os esqueletos da múmia feminina romana, da múmia do sacerdote Hor-sa-Aset, da criança de 12 anos e da cantora de Amon, Sha-Amon-em-su (MENEZES, 1962, 49-50).

O restante dos exemplares pertencentes ao acervo egípcio, apenas foram listados no catálogo elaborado por Kenneth Kitchen e Maria Beltrão (1990, v.1, 228-230), visto a formação filológica do primeiro autor. No levantamento das peças nos chamaram a atenção as demais partes de corpos de múmias que conseguimos localizar no museu, que incluem cinco cabeças, três pés, cinco dedos de mão e sete vértebras, que não possuíam nenhum registro e tampouco constavam no catálogo. Estes exemplares permaneciam acondicionados na reserva técnica de Arqueologia, com



exceção de uma cabeça masculina que se encontrava exposta, junto com a múmia da criança de 12 anos, um gato e três crocodilos, em uma vitrine localizada na antiga sala das múmias, atualmente destinada ao acervo pré-colombiano do museu.

A partir da observação e do registro fotográfico iniciamos o primeiro estudo destes restos mumificados, cujos resultados preliminares foram divulgados e publicados tanto em encontros científicos² quanto em outros destinados ao público em geral³. Este artigo, contudo, visa apresentar o contexto da época em que os exemplares foram encontrados, as informações provenientes da documentação histórica sobre a sua origem e a análise das partes de múmias. Esta última foi levada a cabo a partir de uma observação macroscópica, visto que o estado de conservação dos fragmentos permitiu não só a visualização externa mas também a interna, no caso dos exemplares que apresentavam algum dano em sua estrutura. O estudo ainda contribui para o entendimento do processo de mumificação a que estes indivíduos foram submetidos, mesmo restando apenas partes dos corpos.

Exploradores e comerciantes: em busca das origens

O período compreendido entre o final do século XVIII e o princípio do século XIX foi profícuo para o surgimento de grandes coleções de antiguidades egípcias, tanto no Velho quanto no Novo Mundo. A expedição de Napoleão Bonaparte à terra dos antigos faraós em 1798, cujo objetivo principal era enfraquecer o poderio inglês, teve um papel fundamental neste sentido, pois os 167 estudiosos que acompanharam o general foram incumbidos de registrar tudo o que encontrassem durante a viagem pelas terras do vale do Nilo, quanto de coletar o que fosse possível a fim de que as antiguidades pudessem ser enviadas à França (SILIOTTI, 2007, 80-87). Quando os

² Um painel no III Congresso Mundial de Estudos sobre Momias em 1998, realizado na cidade de Arica – Chile; uma comunicação e resumo no XIII Seminário de Estudos Clássicos em 1999, promovido pelo CEIA/UFF, em Niterói; uma comunicação e resumo na X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira em 1999, na UFPE, em Recife; entre outros.

³ Um artigo publicado sob o título “Restos Egípcios Mumificados da Coleção do Museu Nacional”, na revista AMORCultural em 2000.



franceses foram vencidos pelos ingleses tiveram que se retirar deixando para trás tudo o que tinham coletado. Este acervo teve um novo destino, a Inglaterra, mas a posse de seus registros foi garantida pela diplomacia. Pouco tempo depois surgia a monumental obra *Description de L’Egypte*, publicada em Paris entre 1809 e 1822, por ordem do imperador (VERCOUTER, 2002, 54).

É por meio desta obra que vislumbramos alguns achados que os pesquisadores, durante a permanência na região oeste de Luxor, realizaram nos hipogeus. Além de inúmeros artefatos arqueológicos, como os ataúdes, as estatuetas de servidores funerários e as peças de cartonagem, havia também fragmentos de restos humanos. Nas pranchas 48 a 51 do segundo volume de ilustrações temos um braço e três cabeças que revelam o estado de conservação em que se encontravam inúmeras múmias nesta época (*Description de l’Égypte*, 1994, 218-221). Fruto da ação de saqueadores, a destruição generalizada do conteúdo das tumbas e dos próprios corpos embalsamados era algo que já ocorria desde o Egito antigo, mas esta situação perduraria visto o interesse crescente dos europeus pelas antiguidades, em parte resultado da própria divulgação da *Description de L’Egypte*.

Na primeira metade do século XIX a exploração dos sítios arqueológicos acabou por ser facilitada indiretamente pelo governo de Mohammed Ali que, após tornar-se vice-rei do Egito em 1805, optou por modernizar a região (VERCOUTER, 2002, 60-61). Estrangeiros foram atraídos, entre os quais um célebre paduano chamado Giovanni Battista Belzoni (1778-1823), que havia estudado mecânica hidráulica e se apresentava em espetáculos em feiras na Inglaterra. Em 1814 Belzoni encontrava-se em Malta quando conheceu o capitão Ismail Gibraltar, emissário do vice-rei egípcio, que lhe informou sobre os investimentos que estavam sendo feitos em seu país (MAYES, 2006, 73). No intuito de enriquecer, Belzoni começou a trabalhar em um projeto de uma máquina que se destinava à irrigação dos campos. No Egito, porém, ao apresentar a invenção, um erro de funcionamento foi suficiente para convencer o vice-rei e os dignitários contrários à inovação que ela não serviria (MAYES, 2006, 108-109). Belzoni acabou sem dinheiro, mas o destino o levou ao encontro do cônsul britânico Henry



Salt, recém estabelecido no cargo, que procurava por alguém que pudesse auxiliá-lo na reunião de artefatos arqueológicos.

Munido de recursos, Belzoni percorreu o Egito entre os anos de 1816 e 1819 não só procurando e coletando antiguidades em templos e tumbas, mas também realizando importantes descobertas, que foram registradas por ele. Em 1817, durante sua estada na região de Luxor, ele explorou a necrópole tebana, incluindo o Vale dos Reis, onde descobriu a tumba de Séty I⁴, que ficou conhecida por muito tempo como “a tumba de Belzoni” (ROEHRIG, 38-40). Giovanni Belzoni viveu no período em que a Arqueologia estava no início de sua trajetória. Esta “Era dos Antiquaristas”, que se caracterizou pela intensa coleta de artefatos arqueológicos sem muitas preocupações científicas, tinha como objetivo principal constituir coleções para museus europeus e colecionadores privados. Os métodos empregados na busca pelos objetos não tinham limites e, por vezes, causavam muita destruição, tal como o fizeram os antigos saqueadores. Eis um exemplo do tratamento que as múmias receberam do próprio Belzoni, em uma de suas inúmeras incursões em tumbas, de acordo com suas próprias palavras:

Após o esforço de entrar em tal lugar, através de uma passagem de cinquenta, cem, trezentos, ou talvez seiscentas jardas, próximo de superar, eu procurei um lugar de descanso, encontrei um e planejei sentar, mas quando o meu peso perfurava o corpo de um egípcio, esmagava-o como um caixote. Eu, naturalmente, recorria às minhas mãos para sustentar o meu peso, mas elas não encontraram um suporte melhor, então eu afundava juntamente entre as múmias quebradas, com uma batida violenta de ossos, trapos e caixas de madeira, que levantavam tamanha poeira que me mantinha imóvel por um quarto de hora, esperando até que baixasse novamente. Eu não poderia me mover do local, porém, com a aproximação da saída, a cada passo que eu dava

⁴ Há na coleção do Museu Nacional seis figuras shabtis pertencentes a este faraó, três com inscrições e três anepígrafas. Foi o próprio Belzoni que as encontrou na tumba real, o que comprova que explorador teve uma participação na reunião das antiguidades egípcias do Rio de Janeiro. Ver KITCHEN, K. A. & BELTRÃO, M. C. *Catálogo da Coleção do Egito Antigo* existente no Museu Nacional, Rio de Janeiro. Warminster: Aris & Phillips, 1990, v.1, p. 194 e 214.



eu esmagava uma múmia em alguma parte ou outra.
(BELZONI, 1827, 157)

As múmias inteiras, completamente negligenciadas por Belzoni nesta descrição, estavam entre as antiguidades que mais atraíam a atenção dos comerciantes, visto que poderiam conter outros artefatos, a exemplo de papiros, peças de joalheria e amuletos TAYLOR, 2010, 143). Mas se um comprador não tivesse recursos para adquirir um exemplar completo com o seu ataúde, uma cabeça ou qualquer outra parte avulsa de uma múmia certamente seria oferecida. Um fotógrafo francês chamado Félix Bonfils, que viajou pelo oriente e esteve no Egito na década de 1860, registrou o instante em que um egípcio estava, de cócoras, descansando ao lado de três múmias. Na fotografia, mostrada na figura 1, podem ser vistas duas múmias dispostas em pé, uma enfaixada e a outra desprovida de suas bandagens, e uma terceira, colocada deitada no chão, cuja face foi exposta devido aos danos causados nas faixas por saqueadores. Uma cabeça de múmia aparece ao fundo, além de outros artefatos. A descrição da foto é sumária, “Múmias encontradas nas tumbas dos reis de Tebas”, e não revela a identidade do homem. Seria ele um guarda ou um comerciante de antiguidades? De qualquer forma, a imagem alude à situação a que muitas múmias foram submetidas.

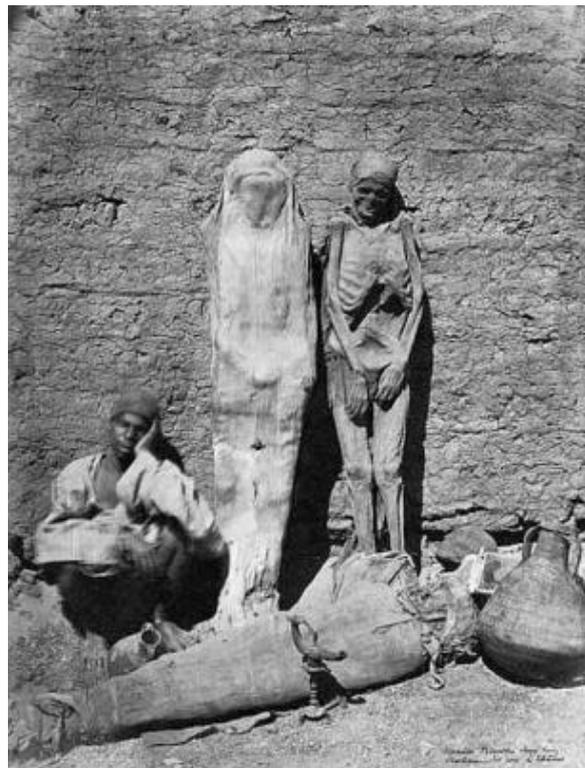


Figura 1 – Esta cena, de homem próximo a três múmias e uma cabeça encontradas em Tebas ocidental, alude ao comércio de antiguidades existente no século XIX. Referência: HAGEN, R-M. & HAGEN, R. Egípto: pessoas, deuses, faraós. Colónia: Taschen, 2003, p. 208.



Peças egípcias diversas, entre as quais estavam múmias completas ou fragmentadas coletadas por Belzoni ou por seus contemporâneos, acabaram sendo negociadas com outros antiquários da época. Parte destas antiguidades, de alguma maneira, chegou às mãos de um comerciante chamado Nicolau Fiengo. Esta personagem, que só conhecemos por meio de suas assinaturas em documentos, ora declarando-se italiano ora francês (PALMEIRA, 1970, 15), e por breves descrições de sua aparência física, foi responsável por trazer de Marselha para a América do Sul aquele que seria o primeiro núcleo da coleção egípcia do Museu Nacional. As peças foram adquiridas por acaso, visto que Fiengo viajava em direção à Argentina (KITCHEN & BELTRÃO, 1990, v.1, 4), mas devido a problemas no Rio da Prata retornou de Montevideu para o Rio de Janeiro, onde chegou em 14 de julho de 1826. Algum tempo depois, após a inspeção e a liberação dos objetos pela alfândega, Fiengo conseguiu expor as antiguidades em uma parte do andar térreo do Museu Real, situado no Campo de Sant'Anna. A carta escrita por Basílio Ferreira Goular (1926, 150), endereçada ao redator do Jornal Astrea e publicada em 19 de setembro do mesmo ano critica a exposição das múmias e confirma esta localização: "(...) Continuaremos com o nosso caso do Museo. Sr. Redactor, parecia-me, que a Loja do Museo se tinha convertido nas antigas Catacumbas dos Terceiros de S. Francisco, onde se mostravao pedaços de Corpos mirrados e mesmos inteiros, (...)". As antiguidades permaneceram no museu e passaram a integrar oficialmente o acervo quando foram adquiridas por ordem do Imperador D. Pedro I, por intermédio de José Bonifácio, em 3 de abril de 1827 (PALMEIRA, 1970, 20).

Os Exemplares Mumificados nas Fontes Escritas:

Entre os itens comprados pelo imperador havia um grande número de estelas funerárias, ataúdes contendo múmias humanas, animais mumificados, estatuetas votivas, shabtis, amuletos, entre muitos outros objetos. Neste ponto, embora a coleção fosse expressiva, nenhum registro ou lista precisa dos materiais que



constavam no acervo originalmente vendido pelo italiano foi elaborada. Há, contudo, uma referência indireta publicada no Jornal Astrea datado de 29 de julho de 1826, com alguns itens que foram considerados mais importantes. É justamente nesta lista que aparece uma descrição que comprova a origem de uma das partes humanas mumificadas da coleção do Museu Nacional:

(...) 11. Uma cabeça de um jovem o qual segundo os trajés com que está adornado faleceo há mais de 23 séculos couza maravilhosa pelo cabelo que conserva intacto e fresco, em tranças com o que se adquire uma idéia do penteado daquele tempo: conservando demais todas as suas feições. (Astrea, 1826, 64)

Esta passagem se refere à cabeça de uma mulher (número 168 do inventário), entretanto, é possível que o jornalista tenha se equivocado quando menciona “conservando demais todas as suas feições”. A face do exemplar 168 está oculta pelas faixas de linho, impregnadas com resina, e no lado esquerdo o crânio está danificado. Tal descrição, possivelmente relatada pelo próprio Fiengo, provavelmente se referia ao exemplar 175, a cabeça de um homem, cuja face está totalmente conservada.

O primeiro inventário da coleção do Museu Nacional, conforme consta nos arquivos, foi realizado em 30 de abril de 1838, mas neste ponto só há uma breve listagem de algumas das peças egípcias. No que se refere às múmias temos apenas “5 múmias humanas” (NETTO, 1870, 62), mas sem maiores detalhes. Já no inventário de 1844 (PALMEIRA, 1970, 22) constatamos a mesma situação, pois foram apenas listadas as múmias humanas e as de animais, sem nenhuma referência às cabeças, aos pés, às mãos e aos dedos. Finalmente, outro inventário provavelmente redigido em 1846 (SEMEAR, 1846), apresenta na “4ª. Secção” correspondente à “Archeologia, Numismatica, Bellas Artes, Usos e costumes das Naçoens modernas” as “Antiguidades Egypcias”. Na listagem aparecem dois itens que são prováveis referências às partes de múmias: “1 cabeça egypcia” e “duas extremidades inferiores”. Estas últimas talvez fossem dois pés.



Neste ponto, embora não tenhamos uma comprovação direta de que todas as partes humanas mumificadas, excetuando a cabeça de número 168 descrita no Astrea, tenham sido trazidas por Fiengo, esta possibilidade não pode ser completamente descartada. Tal origem poderia ser mantida, visto que ao verificarmos os registros de doações de particulares posteriores, como as de José Francisco Guimarães (1848), de Felipe Lopes Netto (1873), de Frederico J. Ramoush (1911), de Arthur Neiva, (sem data), de I. Dumont Villars (sem data) e de H. W. Seton Karr (sem data) (SOUZA, 1999, 13-17), não há nenhuma menção a restos humanos. A mesma situação pode ser constatada nas aquisições por compra, as de Eduardo Bianchi (1891) e de Frederico J. Ramoush (sem data) (SOUZA, 1999, 14-15). Um fragmento de múmia, fosse uma cabeça ou um pé, certamente teria chamado a atenção, tendo em vista que muitas das peças registradas eram de pequenas proporções.

Por intermédio de uma descrição feita por Ladislau de Souza Mello e Netto, diretor do Museu Nacional entre 1870 e 1893, sabemos que três cabeças de múmias já se encontravam na coleção antes da publicação de sua obra, em 1870. Tal data descarta a possibilidade de que estas cabeças mumificadas tivessem sido obtidas pelo Imperador D. Pedro II, visto que a sua primeira viagem ao Egito só ocorreu posteriormente, entre 1871 e 1872. Assim, é possível que as peças estivessem mesmo entre as antiguidades vendidas por Nicolau Fiengo.

A obra de Ladislau Netto também apresenta um fato curioso, pois ele se refere à existência de uma múmia que acabou sendo desfeita. Ao se referir à “Saleta 8” do museu, que mantinha quase toda a coleção egípcia, ele descreve o conteúdo dos armários separadamente. No de número 2 ele afirma: “(...) uma cabeça de múmia, pertencente aos membros separados que se achão no armário n. 7; (...)” (NETTO, 1870, 263), e ao se referir a este último, há a seguinte descrição “(...) alguns amuletos achados presos ao braço esquerdo da múmia cuja cabeça se acha no armário n. 2; e finalmente os fragmentos desta mesma múmia de par com duas cabeças mumificadas.” (NETTO, 1870, 265). Portanto, temos aqui uma cabeça, dois braços e



outros fragmentos que pertenceriam, na opinião dele, a um mesmo indivíduo. Na sequência da narrativa ele nos fornece mais alguns dados:

Em uma caixinha à parte estão conservados os dois objetos seguintes, encontrados nas mãos da múmia atualmente desfeita: uma cebola na mão esquerda e um sceptro esmaltado, em miniatura, na direita.

Convém notar que esta múmia era a única que tinha os braços cruzados sobre o abdômem de modo a lhe ficaram os pulsos aconchegados ao umbigo. (NETTO, 1870, 265-266).

Nesta parte da descrição ele confirma o que parecia ser uma simples suposição e aponta, além da existência dos amuletos presos ao braço esquerdo mencionados anteriormente, mais dois itens: a cebola e um amuleto de faiança. Os detalhes são completados com a posição dos braços e das mãos sobre a região pubiana, o que sugere que a múmia encontrava-se parcialmente ou totalmente desenfaixada. Estaria esta múmia entre as cinco que foram descritas nos documentos? Se retomarmos as fontes, o jornal *Astrea* de 29 de julho menciona “He de certo este Gabinete o mais rico em Mummies de que temos conhecimento, pois contém cinco e todas de muita remota antiguidade” (*Astrea*, 1826, 63). Há na coleção as seguintes múmias: uma mulher do Período Romano que estava no ataúde de Pestjef, a múmia de um indivíduo adulto encontrada no ataúde de Hori, a múmia de Hor-sa-Aset em seu ataúde, a múmia de uma criança de 12 anos e a múmia de uma criança pequena, estas duas últimas sem ataúdes. Estes cinco exemplares confirmariam o número descrito pelo jornal, mas no inventário de 1846 o registro é diferente: “4 mummies humanas com sarcophagos de sicomoro; duas destas múmias e seus sarcophagos são dignos de ornarem os mais ricos museos do mundo.”

Não sabemos se nesta época a múmia da criança menor era reconhecida como humana e se ela estaria entre as cinco contabilizadas pelo jornalista do *Astrea*. Se pensarmos nesta possibilidade, a ausência de uma múmia no inventário de 1846 poderia sinalizar a que foi desfeita. Mas algo é certo, uma das cabeças da coleção,



excluindo a de número 168, pertencia a esta múmia. Quanto aos braços e outros fragmentos mencionados por Ladislau Netto, não há nenhum registro posterior que pudesse indicar o seu paradeiro. O acervo egípcio, que incluía os restos humanos mumificados, permaneceu no Museu Real no Campo de Sant'Anna até ser transferido para uma nova sede, na Quinta da Boa Vista. A data oficial desta mudança, 25 de julho de 1892, ocorreu poucos anos após a Proclamação da República, quando a instituição passou a ser denominada “Museu Nacional”.

Em 2 de janeiro de 1912 o pioneiro da Egiptologia no Brasil, Alberto Childe, foi admitido como conservador de Arqueologia no museu. Durante o tempo em que permaneceu no cargo, ele realizou um levantamento efetivo de toda a coleção, que foi registrado em duas cadernetas redigidas em próprio punho. Em seu “Guia”, Childe mencionou três dos exemplares:

(...) n°164. Cabeça mumificada – homem. (É digno de nota o arrasamento dos dentes, outr’ora mencionado por Lund, quando comparava-o com os craneos de Lagôa Santa). N°168, cabeça mumificada – mulher. N. 175, idem – homem. (CHILDE, 1919, 29)

Childe não procedeu nenhum estudo com estas peças, que permaneceram sem a atenção de especialistas por quase cinquenta anos, até que Kenneth Kitchen e Maria Beltrão publicassem o catálogo da coleção egípcia, em 1990. Por meio desta obra temos uma lista de todas as partes de múmias, com as respectivas medidas, mas sem maiores detalhes. Na lista estão cinco cabeças (Inv. 164, 168, 175, 176 e 177), quatro pés (Inv. 163, 165, 166 e 167); duas mãos (Inv. 172 e 173) e cinco dedos de mão (Inv. 174). Neste grupo não localizamos três partes de múmias: um exemplar de pé com ataduras (Inv. 167) segundo os autores “não visto em 1960 e 1987”; a mão esquerda com ataduras (Inv. 172) que “não foi vista em 1987”; e a mão com ataduras (Inv. 173) que “não foi vista em 1960 ou 1987” (KITCHEN & BELTRÃO, 1990, v.1, 228-230).

Já os cinco dedos de mão (Inv. 174), que segundo o catálogo “não foram vistos em 1960 e 1987” (KITCHEN & BELTRÃO, 1990, v.1, 230), estavam acondicionados



dentro de uma pequena caixa que encontramos próxima às múmias de filhotes de crocodilo. Por esta razão, talvez, tenham passado despercebidos pelos autores. Outro grupo que também não foi notado por todos os outros pesquisadores que trabalharam com a coleção é o das sete vértebras humanas que localizamos no interior da cabeça de múmia de uma jovem (Inv. 168). Trataremos dos detalhes desta descoberta na sequência de nossa apresentação sobre as cabeças, os pés, os dedos e as vértebras, feita com base no número do inventário.

Os Exemplos: 1 – Cabeças

1.1 - Crânio Mumificado (Inv. 164):



Figura 2 – Vista frontal e lateral esquerda do crânio mumificado, com restos de tecidos de linho e resina, da coleção do Museu Nacional/ UFRJ. Fotos de Martha Locks.

Este crânio, visto de frente e de perfil na figura 2, possui 23 cm de altura e 16,1 cm de largura. Está completo e em mau estado de conservação, pois há poucos vestígios de tecidos orgânicos de coloração amarelo-acinzentada sobre os ossos frontal (região da glabella), maxila, arcos zigomáticos, parietal, occipital e mandíbula. A face apresenta as órbitas vazias, sem vestígios de materiais utilizados no processo de mumificação. No lado esquerdo dois ossos estão quebrados, respectivamente uma parte do arco zigomático e do lacrimal. Já o lado direito contém duas áreas danificadas, ambas na parte inferior da órbita. No interior da cavidade nasal nota-se



que os ossos vômere e etmóide foram quebrados intencionalmente. Tal dano foi produzido pelos embalsamadores egípcios para a extração do cérebro. No lado esquerdo do crânio há três perfurações: uma na porção escamosa do osso temporal e duas na superfície infratemporal do maxilar.

Em toda a caixa craniana, notadamente na base do occipital, a pele ou o que restou dela foi envolvida por uma capa de resina com coloração preta. Em alguns pontos onde a camada da referida substância está mais espessa, notadamente na base, há uma série de rachaduras. Na face restam também algumas áreas com impregnação de resina: sobre o osso frontal, nos zigomáticos e na maxila (próximo aos dentes). Na mandíbula, a resina conserva-se apenas na área do mento. Sobre a camada de resina há vestígios de algumas faixas de linho, aderidas à substância. A concentração do tecido varia um pouco: as áreas que possuem maior quantidade estão acima da região dos ossos parietal e temporal direitos, na parte posterior do occipital e sobre a mandíbula. Dentro da caixa craniana encontramos restos de resina com coloração escura, bem como restos de linho. Este material foi inserido pelos embalsamadores como parte do processo de mumificação.

A dentição está completa e em estado regular, excetuando os dentes quebrados: incisivos superiores, incisivo lateral inferior esquerdo e canino inferior esquerdo. Quase todos os dentes apresentam o esmalte fosco e desgaste acentuado. Os incisivos central e lateral inferiores direitos estão fora de sua posição normal, sendo que o incisivo lateral direito está atrás do central. O mesmo ocorre com o incisivo lateral esquerdo que, em parte, está atrás do incisivo central direito. Nota-se um provável processo infeccioso no terceiro molar superior esquerdo. A oclusão caracteriza-se pelo prognatismo.

Percebemos, através das informações descritas, que este exemplar não está em bom estado de conservação. Isto se deve à condição precária em que o corpo se encontrava, quando foi mumificado. A quantidade de resina aplicada é o único dado de que dispomos para tentar datar este exemplar: provavelmente da segunda metade do Primeiro Milênio a.C..

1.2 - Cabeça Feminina Mumificada (Inv. 168):

Esta cabeça de uma mulher jovem com idade estimada entre 18 e 25 anos, vista de frente e de perfil na figura 3, tem sua origem confirmada na coleção por meio da descrição no jornal Astrea. A cabeça encontra-se muito danificada no lado esquerdo, com diversos ossos quebrados: frontal, zigomático, maxila, temporal, esfenóide, etmóide e nasal. Não encontramos fragmentos dos mesmos, entretanto, dentro do crânio estava guardado um estranho conjunto. Quando retiramos a cabeça do armário onde estava acondicionada percebemos, através da área quebrada, que dentro havia sete vértebras, dois dentes, alguns fragmentos de pele, tecidos de linho e um pequeno pedaço de madeira. Tal conteúdo foi reunido e guardado no interior do crânio provavelmente por algum antigo funcionário do museu, com a intenção de que este não se perdesse.



Figura 3 – Vista frontal e lateral esquerda da cabeça feminina mumificada da coleção do Museu Nacional/ UFRJ. Note as tranças em perfeito estado de conservação. Fotos de Martha Locks.

A face apresenta-se parcialmente oculta por tecidos de linho, impregnados com resina. No lado direito a pele está exposta, desde o mento até a região do occipital. Na órbita direita resta apenas a pálpebra superior, e sob esta há um tampão de linho de formato arredondado. O nariz foi achatado pela pressão das faixas que o recobrem. A



pele de coloração cinza escuro dos lábios está parcialmente exposta. As orelhas estão bem conservadas e os respectivos canais auditivos estão visíveis, sem enchimentos.

O cabelo está parcialmente visível, notadamente no lado esquerdo, próximo à orelha, até a região do occipital e também na área correspondente ao osso temporal direito. Estas partes contêm tanto algumas tranças, conservadas com a amarração original, quanto outras que se desfizeram, deixando os cabelos soltos. O crânio encontra-se parcialmente envolvido com linho, de forma irregular e impregnado com resina, desde a área do osso frontal até a região posterior dos parietais. Os músculos da região do pescoço ainda conservam-se parcialmente.

Os dentes presentes na maxila, parcialmente ocultos pela pele dos lábios, são respectivamente: incisivos centrais, incisivo lateral esquerdo, canino esquerdo, 1º e 2º pré-molares esquerdos, 2º pré-molar direito, 1º, 2º e 3º molares esquerdos e 1º e 2º molares direitos. A mandíbula está quebrada no ramo com fratura recente no lado direito, e antiga no esquerdo. A dentição está completa excetuando o 2º pré-molar e 3º molar direitos. O 2º pré-molar provavelmente caiu antes, ou durante o processo de mumificação, pois a pele ao redor recobriu parcialmente o espaço do alvéolo. De maneira geral a dentição não possui desgaste acentuado.

No que se refere ao conteúdo que estava na caixa craniana, mostrado na figura 3.1, identificamos as seguintes partes de músculos e pele: fragmentos da pálpebra superior e inferior esquerda; fragmento de tecido muscular próximo à orelha; tecido muscular contendo a pele do lado esquerdo do crânio; e dois fragmentos de músculos da região do maxilar. Além destes, também encontramos o globo ocular esquerdo, contendo vestígios dos músculos, e um pequeno tampão feito de linho com forma cônica. As sete vértebras serão descritas posteriormente.



Figura 3.1 – Fragmentos de pele e músculos, o globo ocular esquerdo (segundo acima à direita), pedaço de madeira e tampão de linho (abaixo a direita) encontrados no interior do crânio. Foto de Martha Locks.

O cérebro foi provavelmente extraído pelas narinas, visto que não há outra perfuração intencional possível do crânio, além, é claro, da área danificada. Esta se deve provavelmente à ação de saqueadores, que a quebraram na busca de algum objeto precioso. Dentro da caixa craniana não há vestígios de resina ou outra substância de preservação ou enchimento. Os dados que descrevemos sobre esta jovem nos permitem estipular a época em que foi mumificada, provavelmente durante a primeira metade do Primeiro Milênio a.C..

1.3 - Cabeça Masculina Mumificada (Inv. 175):

Esta cabeça mumificada de um homem adulto com idade estimada entre 25 e 45 anos, mostrada de perfil e de frente na figura 4, encontra-se em bom estado de conservação e, como ressaltou Kitchen (1990, v. I, 228), assemelha-se ao faraó Séty I. A pele possui coloração acinzentada, variando entre tons claros e escuros, mas apresenta rachaduras na região das órbitas, zigomáticos e mandíbula. Tal coloração é, sem dúvida, resultado da secagem com o natrão, substância que age desidratando os tecidos e provoca o escurecimento da pele. As pálpebras, relativamente bem conservadas, estão cerradas e preenchidas com tampões circulares de linho, expostos em locais onde a pele está rachada. Há vestígios de cílios nas pálpebras e nas bordas



orbitárias, o que comprova que estes não foram raspados. Já os cabelos, de coloração castanha, encontram-se conservados sobre a região meso-inferior dos ossos parietais e occipital. O comprimento dos fios maiores não ultrapassa cinco milímetros, indicando que estes provavelmente foram raspados um pouco antes do processo de mumificação, prática também verificada em outras múmias.



Figura 4 – Vista lateral direita e frontal da cabeça masculina mumificada em excelente estado de conservação. Coleção do Museu Nacional/ UFRJ. Fotos de Martha Locks.

O nariz apresenta parte do osso nasal exposto e está achatado, resultado da pressão das faixas que o envolviam. Nas narinas não foram encontrados vestígios de tampões, ou algo semelhante, pois ambas foram deixadas vazias. Neste ponto verificamos, através da luz de uma lanterna, que o osso etmóide havia sido quebrado, fato que comprova a extração do cérebro pelas narinas. O que chama a atenção neste ponto, refere-se à habilidade do embalsamador em retirar a massa encefálica através de uma pequena abertura no osso, a qual não deve ultrapassar três centímetros, sem ter causado nenhum dano à estrutura cartilaginosa do nariz.

Na face há rachaduras em ambos os lados. No esquerdo, abaixo da região do osso zigomático, é possível observar os músculos nos locais onde não há pele. Em um ponto com maior deterioração, o osso da mandíbula está exposto. A mesma situação verifica-se no lado direito, embora esteja melhor conservado que o homólogo esquerdo. As orelhas também estão bem preservadas, exceto pela perda dos lóbulos, aderidas ao crânio pela pressão das faixas que outrora a envolviam. A boca,



proeminente, quase não possui diferenciação dos lábios, que estão entreabertos, exibindo parcialmente os dentes brancos. A dentição está completa, excetuando apenas a ausência do terceiro molar inferior direito. Nota-se também um desgaste acentuado em todos os dentes.

Por meio dos dados disponíveis, a ausência de revestimento de resina sobre a face, e também no interior da caixa craniana, sugerem um estilo de embalsamamento anterior ao Primeiro Milênio a.C., assim, tal como sugeriu Kitchen, é possível que este exemplar seja do Reino Novo.

1.4 - Cabeça Humana Mumificada (Inv. 176):

Esta cabeça de um indivíduo adulto, com 23 cm de altura e 16,1 cm de largura, encontra-se em estado regular de conservação e, ao contrário das demais, conserva parte do pescoço. Todo o conjunto foi envolvido por diversas camadas de faixas de linho e houve uso intenso de resina. A parte externa do tecido encontra-se muito deteriorada, principalmente na região da face. O nariz foi destruído, deixando expostos o osso nasal e dois tampões, formados por tecido de linho e resina. Um embalsamador enrolou duas pequenas peças de tecido, provavelmente de forma quadrangular, impregnou-as com resina e posteriormente as introduziu nas cavidades nasais.

A região dos lábios é protuberante e no mento parte do osso da mandíbula está exposto. Percebe-se um volume na área das orelhas; provavelmente as mesmas estejam conservadas, impregnadas pela resina. No alto do crânio as camadas de linho estão também danificadas, o que torna possível a visualização da pele, envolvida com resina. O osso parietal, na região da sutura sagital, também está exposto em dois pontos. A primeira camada de linho que envolvia o crânio apresenta uma trama mais aberta em comparação com as camadas exteriores, o que indica peças de tecido diferentes.

Na região do pescoço nota-se que este, assim como a cabeça, foi envolvido por inúmeras camadas de linho. Uma vértebra está visível na base do pescoço, circundada



por um enchimento feito com uma fibra vegetal, que é provavelmente, parte de fragmento de uma raquis. Esta cabeça possui um peso considerável, o que nos leva a pensar que o interior tenha sido preenchido com grande quantidade de resina, o que em parte se confirma pela existência dos tampões.



Figura 5 – Vista lateral direita e frente de uma cabeça de um indivíduo adulto. Note o uso de tampões nas narinas. Coleção do Museu Nacional/ UFRJ. Fotos de Martha Locks.

Embora a cabeça esteja aparentemente em um estado razoável de conservação, verificamos aqui que há deterioração dos tecidos de linho e também exposição de partes ósseas. Não podemos nos referir ao estado de conservação deste indivíduo quando foi mumificado, pois não dispomos de dados suficientes. Entretanto, se a existência das orelhas for confirmada, é possível que estejam em bom estado. Outro ponto que precisaria de uma confirmação é o período que estimamos para o exemplar. O uso intenso de resina nas camadas mais internas, vista por áreas onde há deterioração, indica uma data mais recente. Podemos, então, somente supor que a referida cabeça apresenta técnicas utilizadas no Período Greco-romano.

1.5 - Cabeça Mumificada (Inv. 177):

Esta cabeça completa com 21 cm de altura e 18 cm de largura, vista de perfil e de frente na figura 6, encontra-se em estado regular de conservação, pois apresenta-



se completamente envolvida com uma camada de resina de coloração preta, e conserva, parcialmente, o envoltório de faixas de linho com trama espessa. A face está parcialmente descoberta, deixando à mostra as áreas correspondentes aos ossos zigomático esquerdo, maxilar e mandíbula, impregnados com resina. As órbitas estão cerradas, a direita ainda com restos de faixas e a esquerda em parte visível. Pedacos de linho foram provavelmente inseridos sob as pálpebras, pois as mesmas são volumosas. As orelhas foram quebradas, o que permite a observação dos canais auditivos. Na área próxima, a resina apresenta inúmeras rachaduras.



Figura 6 – Vista lateral direita e frontal de uma cabeça mumificada, com grande impregnação de resina, da coleção do Museu Nacional/ UFRJ. Fotos de Martha Locks.

Na cavidade nasal verificamos que o osso vômer foi destruído e o etmóide, quebrado. Tal como nos exemplares anteriormente descritos, isto se deve à ação dos embalsamadores que extraíram o cérebro. Dentro da caixa craniana não encontramos nenhum vestígio de materiais utilizados como enchimentos. A base do crânio não está bem conservada. A área sob a mandíbula perdeu-se, o que torna possível a visualização de toda a dentição. A resina neste ponto está muito quebradiça, com inúmeras rachaduras. Ao centro, a vértebra atlas está conservada na posição original.

A boca foi deixada semicerrada e, devido à perda dos lábios, alguns dos dentes da maxila apresentam-se expostos: incisivos centrais e laterais, caninos, 1º e 2º pré-molares esquerdos. Na mandíbula, os dentes foram recobertos por resina negra. A



dentição está completa, exceto pela ausência do 2º molar inferior direito. Na face oclusal e lingual os dentes contêm impregnações de resina. O esmalte dos dentes está danificado, há muitos traços de rachaduras e desgaste acentuado.

Tal como referimos quanto ao exemplar anterior, esta cabeça não está em bom estado de conservação. Provavelmente este indivíduo também já estivesse em decomposição antes de ser mumificado, pois não encontramos nenhuma área com a pele em bom estado. A camada de resina aplicada sugere que esta cabeça pertence à segunda metade do Primeiro Milênio, mais provavelmente a Época Greco-romana.

2 - Pés

2.1 - Pé Esquerdo Mumificado (Inv. 163):

Este pé esquerdo completo com 21,2 cm de comprimento e 7,5 cm de largura, mostrado na figura 7, apresenta-se totalmente envolvido por ataduras, excetuando a parte distal dos artelhos, que possuem coloração escura, quase preta. O 1º artelho conserva parte da unha, estando a pele, abaixo da mesma, fraturada; o 2º, 3º e 4º artelhos estão expostos e o 5º, oculto pelas faixas. Na região do astrágalo são visíveis restos de tendões. O envoltório é composto por diversas camadas de linho. Os artelhos foram enfaixados separadamente, envolvidos com grande impregnação de resina. Outras camadas de faixas podem ser vistas, próximas à região do astrágalo.



Figura 7 – Pé esquerdo com restos de uma sandália, feita de cartonagem, da Coleção do Museu Nacional/ UFRJ. Foto de Martha Locks.



O pé foi decorado com faixas dobradas com cerca de 2 cm de largura, dispostas uma sobre as outras na região medial. Por cima desta camada de faixas, na planta do pé, há parte de uma cartonagem com motivo quadriculado, nas cores azul (muito escurecido), vermelho e branco (em alguns pontos amarelado). Este grande fragmento não recobre os artelhos nem a região do calcâneo. Trata-se de uma sandália, a julgar pelos cordões que a prendem à sola do pé (um entre o 1º e 2º artelhos, outros dois passando ao redor do peito do pé e outro no calcanhar). A parte lateral externa do pé contém uma série de camadas de linho, impregnadas com resina de coloração amarronzada, que recobria originalmente todo o conjunto.

O fato de este exemplar ter conservado as faixas, dispostas paralelamente, e a peça de cartonagem, nos permite datá-lo com segurança como pertencente a Época Greco-romana.

2.2 - Pé Direito Mumificado (Inv. 165):

Este pé direito completo com comprimento de 21,8 cm e largura máxima de 8 cm, exposto na figura 8, contém ainda parte da perna envolvida em tecido de linho, correspondendo às regiões distais das epífises da tíbia e da fíbula. Os artelhos foram enfaixados separadamente e apresentam-se impregnados com resina de coloração negra. A parte inferior do pé está com o envoltório completo, excetuando a região dos artelhos. A decoração, que recobre todo o pé até a região do calcâneo, é feita por um padrão de faixas dobradas e dispostas paralelamente, ao total de dezessete, com aproximadamente 1,2 cm de largura cada.

A parte lateral e superior do pé, acima do padrão decorativo, estão envolvidas por uma série de faixas impregnadas com resina. Na região dos maléolos há sucessivas camadas de linho trançadas, com 3 cm de largura, que atingem a região do calcâneo e a parte posterior da tíbia e fíbula. Na parte em que a perna está quebrada, nota-se o tecido esponjoso da tíbia e fíbula, os tendões e a pele com impregnação de resina.



Figura 8 – Pé direito contendo restos de um padrão decorativo, formado por faixas. Coleção do Museu Nacional/ UFRJ. Foto de Martha Locks.

A decoração das faixas, dispostas paralelamente, nos permite datar este exemplar como pertencente à segunda metade do Primeiro Milênio a.C., mais precisamente à Época Greco-romana.

2.3 - Pé Direito Mumificado (Inv. 166):

Este pé direito incompleto, mostrado na figura 9, encontra-se em sua maior parte desenfaixado. Há, entretanto, vestígios de linho no calcânhar e no 3º artelho. A coloração predominante é preta, com alguns pontos arroxeados. A pele está trincada na região dorsal, e, acima do 1º metatarso, danificada a tal ponto que é possível visualizar os tendões. O primeiro artelho foi quebrado, restando apenas parte da falange proximal; os demais estão em perfeito estado de conservação, contendo as unhas de coloração amarelada. O calcâneo está exposto, com a pele recobrimdo parte do calcânhar. Na região onde deveria estar o astrágalo até a parte inferior do pé, a pele está em péssimo estado – apenas os tendões prendem o calcâneo à parte restante, que está bem conservada.



Figura 9 – Mesmo danificado, este pé mumificado auxilia no estudo das técnicas de embalsamamento desenvolvidas pelos egípcios. Coleção do Museu Nacional/ UFRJ. Foto de Martha Locks.

Não há dados suficientemente disponíveis para datar este exemplar, mas pela ausência da impregnação de resina, frequente nas múmias do Primeiro Milênio a.C., é possível que seja de uma época anterior, talvez do Reino Novo.

3 - Dedos de Mão Mumificados (Inv. 174):

Estes dedos, que podem ser visualizados na figura 10, foram registrados como pertencentes a uma mesma mão. O comprimento do primeiro dedo é de 7 cm. Os cinco dedos apresentam poucos restos de tecido orgânico e foram envolvidos em tecidos de linho, atualmente de coloração amarronzada escura. Respectivamente:

1º dedo: com falanges completas.

2º dedo: com a falange proximal quebrada.

3º dedo: com unha e falanges intactas.

4º dedo: com a falange proximal quebrada na diáfise e desarticulada na junção com a falange medial.

5º dedo: com a falange proximal quebrada na diáfise.

Por meio da observação dos exemplares, verifica-se que não foram submetidos a um processo de mumificação eficiente, pois a pele apodreceu, restando somente os ossos e as faixas de má qualidade. Não há meios de datá-los, visto seu estado precário de conservação. Neste caso, somente um teste físico poderá esclarecer o período a que pertencem.



Figura 10 – Dedos mumificados da coleção do Museu Nacional/ UFRJ. Foto de Martha Locks.

4 – Vértebras:

Um conjunto de sete vértebras, cinco delas mostradas ao lado de dois dentes na figura 11, foi encontrado dentro da caixa craniana do exemplar 168. Não possuem número de registro. Pudemos identificá-las como pertencentes a três conjuntos, ou três indivíduos distintos, respectivamente:

Ao primeiro conjunto pertencem as vértebras C2, C3, C4 e C5, que apresentam impregnações de resina. O eixo e a C3 permanecem fusionadas com restos de tecido muscular. A vértebra C4 apresenta restos de fibras vegetais no canal neural. A vértebra C5 possui músculos no lado esquerdo do processo transversal e a apófise espinhosa está fragmentada.

O segundo conjunto é formado por outras duas vértebras cervicais, atlas e eixo, com vestígios de músculos e resina. Por meio da observação, sugerimos que estes exemplares pertencem à cabeça feminina de número 168.

No último conjunto há apenas uma vértebra, também cervical, que apresenta o processo transversal e apófise espinhosa fragmentados.

Não é possível estimar o período a que estas vértebras pertencem, exceto as que fazem parte do exemplar de número 168, que descrevemos anteriormente.



Figura 11 – Algumas das vértebras, sem número de registro, e dois dentes que estavam no interior da cabeça feminina (Inv.168). Coleção do Museu Nacional/ UFRJ. Foto de Martha Locks.

Discussão sobre os exemplares:

A análise de fragmentos de corpos humanos mumificados revela diversas informações sobre as técnicas empregadas pelos antigos embalsamadores egípcios na conservação dos corpos. Embora o processo seja amplamente conhecido por meio dos estudos realizados com fontes escritas, iconográficas e arqueológicas, aliados à experimentação em laboratório, a análise de exemplares de diferentes museus poderá contribuir para futuras pesquisas. Assim, neste ponto discutimos as informações que reunimos no decorrer da observação dos exemplares do Museu Nacional.

Nas cinco cabeças encontramos dados que confirmam um procedimento, quase que padrão, dos antigos embalsamadores na extração do cérebro pelas narinas: a fratura no osso etmóide. No crânio mumificado (Inv. 164), na cabeça feminina (Inv. 168) e na cabeça mumificada (Inv. 177) a fratura foi observada diretamente, devido à ausência do nariz. Já no caso da cabeça masculina (Inv. 175) esta foi reconhecida de forma indireta, com o auxílio da incidência da luz através das narinas. Na cabeça de múmia que se encontra enfaixada (Inv. 176), embora a visualização macroscópica do interior do crânio não tenha sido possível, a presença dos tampões cilíndricos de linho aliada ao peso considerável sugerem a extração pelo mesmo método. Em quatro casos, excetuando a cabeça de múmia (Inv. 176), não constatamos a existência de



fragmentos ósseos no interior da caixa craniana, tal como é possível observar nos estudos realizados com outras múmias egípcias.

Como parte do processo de mumificação, após a remoção do cérebro era comum a adição de enchimentos no crânio. Nos exemplares do Museu Nacional constatamos que estes não foram aplicados em três casos: na cabeça feminina jovem (Inv.168), na cabeça masculina bem preservada (Inv. 175) e na cabeça mumificada (Inv. 177). Os outros dois exemplares apresentam um tratamento diferenciado. O crânio mumificado (Inv. 164) recebeu resina, atualmente de coloração negra, juntamente com tecidos de linho, enquanto que a cabeça de múmia que se encontra enfaixada (Inv. 176), devido ao peso anteriormente mencionado, sugere o uso de enchimentos, provavelmente resina. Ao final da preparação da caixa craniana tampões de tecidos de linho, formados por pequenas peças retangulares ou quadrangulares, poderiam ser colocados nas cavidades nasais, tal como se observa no exemplar 176.

As cabeças de múmias que se encontram com restos de tecidos, pele e músculos, demonstram o uso do natrão⁵ no processo de desidratação dos corpos. Ao final desta etapa, que durava aproximadamente 35 dias, os embalsamadores continuavam o trabalho. Neste ponto, alguns dados estão relacionados a esta fase, como a colocação de pequenos tampões de formato circular, ou cônico, feito com tecido de linho sob as pálpebras. Na cabeça feminina (Inv. 168) temos o tampão que se conserva sobre o olho esquerdo, enquanto que o do lado direito, que estava solto no interior do crânio, permitiu constatarmos o encaixe perfeito no globo ocular desidratado. Na cabeça masculina (Inv. 175) esta mesma prática pode ser verificada diretamente por meio das rachaduras, que expõem parte do tecido de linho, enquanto que o volume das pálpebras na cabeça mumificada (Inv. 177) sugere o mesmo procedimento.

Os exemplares da coleção também apresentam diferentes tratamentos no que se refere aos cabelos. Em três cabeças (Inv. 164, 175 e 177) houve a raspagem, mas na

⁵ O natrão é formado por carbonato de sódio, bicarbonato de sódio, sulfato de sódio e cloreto de sódio. Ocorre naturalmente no Egito em duas grandes áreas: uma ao norte, na região chamada Wadi El-Natrun, a 100 quilômetros do Cairo; e a outra no sul, em El Kab.



cabeça da mulher jovem (Inv. 168) verifica-se um excepcional cuidado na preparação das tranças, que foram posteriormente envolvidas pelas faixas. Neste caso trata-se de um processo de mumificação que reflete, claramente, a posição social elevada desta jovem. A parte final do embalsamamento consistia na aplicação de resinas e no enfaixamento que ocupava até 15 dias. O uso de resina é percebido em profusão, principalmente nos exemplares que podem ser datados do Período Greco-romano, a exemplo da cabeça de múmia (Inv. 176) e da cabeça mumificada (Inv. 177). Em outros casos, como o da cabeça da mulher jovem (Inv. 168) e do crânio mumificado (Inv. 164), houve a impregnação dos tecidos, como forma de manter as faixas no local original. Todo o tecido empregado pelos embalsamadores egípcios era de linho oriundo, na maioria das vezes, de outras peças a exemplo de vestimentas que vinham do contexto doméstico. Não encontramos dados que possam comprovar tal origem, contudo, a diferenciação na trama dos tecidos aponta para peças de diferentes qualidades.

Os pés e os dedos de mão apresentam dados que permitem o entendimento dos cuidados que os embalsamadores tinham com outras partes do corpo. No caso do pé direito mumificado (Inv. 166) o excelente processo de secagem com natrão a que foi submetido proporcionou uma preservação total, que proporciona o reconhecimento das digitais. Já os dedos de mão (Inv. 174), cuja conservação não foi eficiente, foram reduzidos aos ossos, embora o enfaixamento individual demonstre um cuidado posterior. Os outros dois pés, um esquerdo (Inv. 163) e um direito (Inv. 165) mostram o o enfaixamento individual dos dedos com o uso de resina. A sobreposição de camadas de faixas dispostas seguindo um padrão geométrico, comum no Período Greco-romano, revela que os pés pertenciam a indivíduos cujas famílias dispunham de recursos para tais cuidados com o corpo, inclusive na colocação de peças de cartonagem, como a sandália presente na sola do pé esquerdo (Inv. 163).

No que se refere ao conjunto de vértebras, o seu estado de conservação não reflete apenas a destruição dos corpos ao longo dos séculos, pois a existência de resina e de uma fibra vegetal no canal neural de uma delas comprovam um embalsamamento mal feito. O material vegetal é um provável vestígio da tentativa de um embalsamador



manter as vértebras da coluna vertebral de um indivíduo alinhadas. Um tipo de enchimento semelhante também está presente na base do pescoço da cabeça de múmia (Inv. 176), talvez com a mesma finalidade. A utilização de outros materiais nos corpos, principalmente a partir da segunda metade do Primeiro Milênio a.C, nos mostra o estado precário que muitos deles se encontravam, em uma época em que se valorizava mais a aparência externa da múmia do que a conservação em si.

Considerações Finais:

A redescoberta do Egito por Napoleão, aliada à divulgação da obra resultante de sua campanha, fez com que surgisse um maior interesse dos europeus pelas antiguidades. Ao longo de toda a primeira metade do século XIX estrangeiros, como Giovanni Belzoni, percorreram o Vale do Nilo vasculhando os sítios arqueológicos com a intenção de reunir artefatos, entre os quais estavam as múmias, para museus e colecionadores do Velho e do Novo Mundo. Mas ao mesmo tempo em que realizaram importantes descobertas, causaram tanta destruição quanto os artigos saqueadores. O comércio crescente fez com que um conjunto de antiguidades, algumas de procedência tebana, reunidas por Belzoni ou por seus contemporâneos, chegassem às mãos do comerciante de antiguidades Nicolau Fiengo.

Em 1926 o antiquário italiano partiu com os artefatos de Marselha rumo à Argentina, mas este não foi o destino final das peças. Devido a problemas no rio da Prata, a carga acabou sendo levada para o Rio de Janeiro, onde foram expostas no museu e, posteriormente, adquiridas pelo Imperador D. Pedro I, que as incorporou ao acervo. Por meio da investigação das fontes escritas do século XIX propomos que todas as partes de múmias que pertencem a coleção estavam entre as antiguidades adquiridas por Nicolau Fiengo. Ao longo do tempo, contudo, nem tudo se conservou, pois há referências a uma múmia que acabou desfeita. Uma das cabeças do acervo provavelmente foi tudo o que restou de um corpo completo. Em nosso levantamento localizamos os dedos de uma mão que estavam aparentemente desaparecidos, além de descobrirmos um conjunto de sete vértebras e outros fragmentos pertencentes a



uma cabeça feminina mumificada, que se encontravam guardadas na própria caixa craniana desta.

As análises que realizamos no conjunto de partes de múmias, formado por cinco cabeças, três pés, cinco dedos de uma mão e sete vértebras, permitiram a descrição do estado de conservação, a identificação do sexo e da idade em alguns exemplares, além do estabelecimento de uma estimativa de datação com base no estilo do embalsamamento. O estudo também serviu para a compreensão dos detalhes do processo de mumificação a que os exemplares foram submetidos. Tal avaliação se mostrou efetiva, visto que o estado de conservação das cabeças mumificadas permitiu o acesso às estruturas internas, mesmo sem uma avaliação por meio de técnicas biomédicas. É evidente que estas contribuem nos estudos, a exemplo de como fizemos em 1999 com a utilização da tomografia axial computadorizada, como parte de nosso projeto de estudo da múmia Tothmea do Museu Egípcio e Rosacruz, em Curitiba, cujos resultados foram satisfatórios.

Agradecimentos:

Deixo expresso meus agradecimentos as seguintes pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho. Ao Professor Ciro Flamarion Cardoso, Titular de História Antiga e Medieval da UFF, pela leitura e opiniões a respeito do texto, visto que muitos dados aqui expostos foram empregados em nossa Dissertação de Mestrado, que preparamos sob sua orientação. À Professora Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão, que na época dos meus estudos com a coleção egípcia era Chefe e curadora do acervo do Setor de Arqueologia, por conceder a permissão para a pesquisa com as múmias. À Bióloga Professora Martha Locks que muito me auxiliou tanto no levantamento de dados quanto na realização de todas as fotografias apresentadas neste estudo.



Fontes Primárias:

SEMAR (Seção de Mémória e Arquivo do Museu Nacional). Inventário, “4ª. Secção”, 1846 (?).

Astrea. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1826, n° 37.

GOULART, Basílio Ferreira. *Astrea*, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1826.

BELZONI, G. B. *Narrative of the operations and recent discoveries within the pyramids, temples, tombs, and excavations, in Egypt and Nubia*. London: printed by Thomas Davison, 1820.

CHILDE, A. *Guia das colleções de Archeologia Clássica*, Museu Nacional do Rio de Janeiro (IV secção). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919.

Description de l'Égypte, publiée par les ordres de Napoléon Bonaparte. Köln: Taschen, 1994.

NETTO, L. *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Philomatico, 1870.

PALMEIRA, L. C. Apendice II: Novos dados históricos acerca da coleção egípcia do Museu Nacional. In: DE CASTRO FARIA, L. *Alberto Childe – O homem, a Obra, e sua Época*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Publicações Avulsas, n° 60, 1970.

Referências Bibliográficas:

HAGEN, R-M.; HAGEN, R. *Egipto: pessoas, deuses, faraós*. Colónia: Taschen, 2003.

KITCHEN, K. A.; BELTRÃO, M. C. *Catálogo da Coleção do Egito Antigo* existente no Museu Nacional, Rio de Janeiro. Warminster: Aris & Phillips, 1990, 2v.

MAYES, S. *The great Belzoni: the circus strongman who discovered Egypt's treasures*. London: I. B. Tauris, 2006.

MENEZES, R. B. As múmias do Museu Nacional. *Revista Brasileira de História da Medicina*. Rio de Janeiro: v. XIII, n° 2, p. 49-68, mar/abr, 1962.

ROEHRIG, C. *Explores and Artists in the Valley of the Kings*. Vercelli: White Star Publishers, 2001.



SANTOS, M. E. Restos Mumificados Egípcios da Coleção do Museu Nacional. In: *XIII Jornada de Estudos Clássicos/ UFF*, 1999, Niterói. Caderno de Resumos da XIII Jornada de Estudos Clássicos. Niterói: GOTTEN, 1999. v. 1. p. 10.

SANTOS, M. E.; LOCKS, M. *Restos Egípcios Mumificados da Coleção do Museu Nacional*. AMORCultural - Informativo do Centro Cultural Amorc. Curitiba: v. 3, p. 4 - 11, 01 jan. 2000.

SANTOS, M. E.; LOCKS, M. A Extração do Cérebro e Preparação Craniana de Múmias Egípcias em Coleções Brasileiras. In: *XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira: Arqueologias da América Latina*, 2003, São Paulo. Caderno de Resumos do XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. São Paulo: All Print, 2003. v. 1. p. 109.

SILIOTTI, A. *Primeiros descobridores: a descoberta do antigo Egito*. Barcelona: Folio, 2007.

SOUZA, N. J. S. *Contribuição à história da Coleção Egípcia do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Publicação do Autor, 1999.

TAYLOR, J. H. *Egyptian mummies*. London: British Museum Press, 2010.

VERCOUTTER, J. *Em busca do Egito esquecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.